

Reginaldo Faria deu tudo que tinha como ator para ser um perfeito "Lúcio Flávio"



REGINALDO FARIA

Um ator e seu personagem

Reginaldo Faria, pessoa da maior mansidão ao falar e pensar, me conta sobre seu trabalho em "Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia":

"O papel era para o Alain Delon fazer. Imagina! Depois, pensaram no Cuoco. Até que, com certas restrições do diretor, me escolheram. E eu me entreguei com toda garra ao papel. Por todos os motivos. Por ser um tipo de personagem difícil de fazer. Pela história em si. Pelos propósitos do filme. Pela história de Lúcio Flávio. Por tudo que fizeram com ele e por tudo que ele fez com tantos."

E arremata, com um sorriso orgulhoso:

"E porque, quem é que não se agarraria a um papel cujo personagem central iria ser feito pelo Alain Delon?! Me agarrei e dei tudo que sei em termos de representar."

E tem mais:

"Não sei quantos filmes já fiz. Fui ator de TV, mas a verdade é que, só agora, meu nome é conhecido nacionalmente. Mesmo sabendo que alguns cinemas não estão colocando meu nome na fachada, mas não faz mal. Interpretando a história de um marginal, o Lúcio Flávio, tão discutido, é que o nome Reginaldo Faria se fez, prá valer!"

O repórter concorda: os fatos são os fatos.

Marília em fuga

Marco, pelo telefone, uma entrevista com essa ternura chamada Marília Barbosa. Fica tudo assentado para às 10 horas da manhã. Ela me pede para não chegar nem um minuto a mais.

Eu:

— Por quê?

Marília:

— Porque eu vou fugir!

Faz-se pingue-pongue, eu de cá, ela de lá, em tom de sussuro na voz, prá dar bem o clima de papo sobre quem vai fugir e de quem, quer saber a razão:

O repórter:

— Fugir por quê?

Ela:

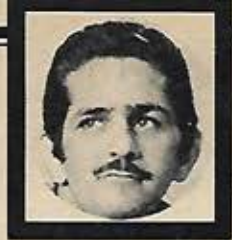
— De tudo.

Eu:

— Que tudo é esse?

Marília:

— Do telefone, da televisão, do rádio, do trânsito, da música, do trabalho, do dia, da manhã,



Sérgio Bittencourt

O repórter, que também anda nessa de "se mandar", escapando pela primeira trilha segura que lhe apontarem, não perde a chance:

Quando a fibra é a grande arma

Neusa Amaral é amor.

Amor ao jeito de quem ama o verdadeiro amor: o amor geral. O amor pelo próximo e pelo distante.

E por ser "tanto amor", é que Neusa Amaral apanha tanto da vida. Sempre sorrindo. Claro, em público. Ano passado, a "barra pesou" tanto, que ela foi a Israel:

— Fui até meu povo buscar forças, fibra!

Hoje, a espetacular atriz Neusa Amaral é amor e é fibra. E com esta fibra se defende e ataca. Ao atacar, é uma mulher explosiva, daquelas que a gente costuma definir que "não mandam dizer, dizem na cara!"

Quando se defende, Neusa Amaral umedece os olhos. O brilho que sempre há neles se apaga por instantes. As lágrimas correm por seu rosto lindo, contidas, porém inevitáveis.

De repente a fibra:

— Mas eu vou em frente. Não tem nada, não. A vida continua e o espetáculo não pode parar.

Enxuga as lágrimas rapidamente, pega um punhado de folhas de papel datilografadas e fala:



— Olha, isto aqui é um "show" que eu escrevi para ser montado numa boate bem intimista, talvez na boate Fossa. Quer ouvir?

E o repórter ouve Neusa dizendo trechos do seu texto. As lágrimas secaram, o brilho voltou aos seus lindos olhos. O texto fala de amor.

Do amor de quem vive — ou melhor: sobrevive, às custas de uma fibra quase inumana.

Uma fibra da qual somente pessoas muito especiais são possuídas. Uma fibra que não nasce com a gente.

A Vida nos impõe.

— Me dá o "mapa da mina"?

Marília Barbosa:

— É um sítio que nem luz tem.

A gente chega com a gente da gente, acende os lampiões e fica ouvindo os grilos, os grilos de verdade, nos contando que é noite e que tudo está em paz. Tem também o sapo e, de manhã, o beija-flor.

— E por que essa fuga, tão repentina?

Timbre de desabafo:

— Não agüento mais, bicho! É só um fim de semana, mas este é porque, realmente, não agüento mais! Vou pedir tempo à vida. A última prestação do carro já tá paga, então, tudo bem.



CLÁUDIA

O trabalho de Cláudia

Ela já cantou até no Japão. Quando começou a cantar, era apontada como "imitadora de Elis Regina."

Ela discorda, suavemente:

— Pois, olha: ídolo por ídolo, o meu era a Ângela Maria. Não sei quem inventou que eu imitava a Elis. Sempre fui, muito mais, a Ângela.

Cláudia, com seu conjunto, pretende lançar um disco que ela define como sendo um trabalho novo e que vai pegar:

— Eu vou misturar música popular brasileira com informações de fora.

Peço que a cantora explique, ela fala:

— Música brasileira com influência rítmica norte-americana. O grande problema para nós, lá fora, é o ritmo.

Aproveito para querer ficar sabendo de Cláudia o que é música popular brasileira, na opinião dela:

— É toda aquela música feita por brasileiros, no Brasil!

Ataco:

— Um rock feito pelo meu vizinho é o quê?

Cláudia responde:

— Pra mim é música brasileira. Volto ao ataque.

— E uma rumba composta por um operário nordestino, do alto de um desses espigões por aí?

Ela, na ponta da língua:

— Também é música brasileira!

Aí, o repórter desiste e deixa a pergunta no ar:

Não é uma pergunta ruim.